

Chu

Chamava-lhe “Chu En-Lai”. Não por homenagem ao verdadeiro Chu, nascido em Huaian, em 1898, estudante na França de 1920 a 1924, filiado no Partido Comunista Francês. Chu En-Lai de quem se disse que governou “de facto” a imensa China enquanto Mao se entretinha com juvenis concubinas, dizendo aforismos retirados da sabedoria popular, imitando a pitonisa de Delfos, parecendo aos olhos de quem assim o queria ver, um imenso génio. Chu morreu em 1976. Foi um dos obreiros da aproximação entre a China e os Estados Unidos. Daqui viriam os milhões de “Chus” que cada vez mais, às vezes não se sabe bem como, vão povoando o planeta, porque a China está cheia. Chu, agora conhecido por “Zé”, trabalhou como criado no palácio do governo de Sichuan. “Tínhamos pequenas mesinhas, com rodas; havia imensas iguarias requintadas. O governador comia cérebro de macaco. Os macacos iam vivos para as mesas, havia um buraco que lhes prendia as cabeças. Depois, com um martelo próprio, matavam-se ali mesmo e comiam-se. Enquanto isso, dezenas de miúdas, com 16, 18 anos tocavam música chinesa e dançavam. Algumas acabavam por ter sorte, iam para amigas do governador.” Mas isso é degradante, Chu, disse-lhe Alberto. “Tens a mania de me chamar Chu. Ele foi um bom governante, respeito-o muito.” Chama-se Lin, de facto. Veio sem nada. De repente montou um enorme restaurante, comprou um mercedes, uma enorme loja chinesa, tem casa, parece rico. “A nossa organização é assim. Durante dez anos terei de trabalhar para eles, depois fico livre. Na realidade, a minha tarefa é outra. Estou a colocar chineses aqui, não vês que são sempre diferentes os meus empregados?” Alberto já tinha visto. Também se comentava isso de Chu, no bairro. O restaurante vazio, a loja também, o dinheiro cada vez

mais abundante? Afinal é tráfico de gente? “Somos apenas práticos. Gente, objectos, tudo faz ganhar dinheiro. Vocês não têm gente, nós temos gente a mais. É uma questão de exportação, como qualquer outra.” Alberto voltou a falar-lhe na «degradação» que isso significava. “Quem são vocês para falar disso? Não usam a expressão «negócios da China»? Ora negócio é comprar e vender, é o que fazemos. O governador que servi até dormia com a irmã, mas que mal há nisso? Somos assim. Vocês agora fazem trabalho para nós e vice-versa. Ocupam países, nós produzimos a baixo preço, fornecemos gente. Cada chinês que vê é um português que não nasceu! Que rima, pensou Alberto. Será cada vez mais assim, de quem é a culpa?” Alberto ficou atarantado. O homem estudara nos tempos de Mao, debitava sociologia marxista, mas não deixava de ter razão. No antigo Egipto os faraós casavam com irmãs, Roma não foi um prodígio de moralidade, nem toda a restante história do Ocidente. “Sabes que mais, disse Chu. Vocês criticam-nos, mas os vossos patrões dizem que somos um modelo. Um dia o mundo será não um imenso Brasil, como pensava o imbecil Gorbachov, mas uma imensa China. E está bem, leva lá a espátula. Vendo-ta por um euro, ainda tenho lucro!”

Carlos Mota